

ENSINO REMOTO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Raquel Oliveira Konda

RESUMO: O artigo recebeu o nome de “Ensino Remoto na Perspectiva Inclusiva”. Enfoca a necessidade da flexibilização do currículo, para atender alunos da educação especial e alunos que encontram dificuldade em sua aprendizagem principalmente quando nesse tempo de pandemia quando há necessidade de ensino remoto para garantir a integridade física dos alunos. Mostrar que o currículo precisa ser flexível, entrelaçando diferentes tendências para atender às necessidades específicas das crianças com dificuldade de apreensão da realidade. Indicar a maneira mais indicada de trabalhar o ensino remoto. Discorrendo sobre a importância dos pais e responsáveis que se tornam os mediadores do ensino demonstra que os professores da sala regular e da sala de recurso precisam estar juntos nessa ação pedagógica. Demonstra necessidade de reformulação de planejamento e do plano de trabalho individual, para se atender com de modo mais eficiente aos alunos em suas casas.

Palavras-chave: Currículo. Flexibilização. Ensino Remoto.

SUMMARY - The article was called “Remote Teaching in the Inclusive Perspective”. Focuses on the need to make the curriculum more flexible, to serve special education students and students who find it difficult to learn, especially in this time of pandemic, when there is a need for remote education to ensure the physical integrity of students. Show that the curriculum needs to be flexible, intertwining different trends to meet the specific needs of children with difficulty understanding reality. Indicate the best way to work with remote education. Discussing the importance of parents and guardians who become the mediators of teaching demonstrates that teachers in the regular classroom and the resource room need to be together in this pedagogical action. It demonstrates the need to reformulate the planning and the individual work plan in order to serve students in their homes more efficiently.

KEYWORDS: Curriculum. Flexibilization. Remote Teaching.

INTRODUÇÃO

Este artigo denominado de “Ensino Remoto na Perspectiva Inclusiva” aborda a necessidade da flexibilização do currículo, para atender alunos que encontram dificuldade em sua aprendizagem, principalmente quando é essencial o ensino remoto e, no caso específico, voltado para a educação especial.

O objetivo geral é: indicar a importância do ensino remoto na rede escolar para os alunos com necessidades especiais. Os objetivos específicos são: a importância da flexibilização curricular, levando o aluno com necessidades especiais a construir o conhecimento. Mostrar que o currículo precisa ser flexível, entrelaçando diferentes tendências para atender às necessidades específicas das crianças com dificuldade de apreensão da realidade. Indicar a maneira mais indicada de trabalhar o ensino remoto.

Esse artigo explica as transformações que o currículo sofreu ao longo de tempo, para clarificar um conceito básico, que mostra que, não importa qual o currículo o professor esteja utilizando em sua ação docente, pois todos eles têm uma função comum que é levar à apreensão da realidade que circunda a criança e dar-lhe propriedades de intervir, positivamente, nessa realidade.

Nesse momento em que toda alunos e professores estão impedidos de estar frente a frente, em uma sala de aula regular e/ou nas salas de recurso e AEE, é essencial que o professor coloque toda sua atenção nas aulas que formula e com criatividade, utilize recursos palpáveis, concretos, para facilitar a apreensão da realidade e para que o aluno construa seu conhecimento com o maior número de habilidades possíveis.

A metodologia empregada é a pesquisa bibliográfica de autores que abordam o currículo e, o Documento Orientador de Atividades Escolares da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Esses documentos indicam a importância de sua flexibilização para que ele atenda a todos os alunos, principalmente, as crianças com necessidades especiais. Espera-se que esse artigo seja útil aos professores das salas de recursos, aos alunos da área da educação especial e aos professores das salas comuns, onde se encontram alunos com necessidades especiais.

1. DESENVOLVIMENTO

Tendo em vista que a construção do conhecimento é mediada pelo modo de aprender das crianças e de ensinar dos professores, o Documento Orientador de Atividades Escolares não Presenciais da Secretaria da Educação de São Paulo enfatiza que, em função da quarentena, e do afastamento dos docentes e alunos das atividades presenciais de sala de aula, este é um momento em que, o professor deve repensar as suas expectativas de aprendizagem e, revisar o currículo que está sendo empregando com as crianças.

Além disso, esse documento demonstra que é responsabilidade do professor da classe de AEE orientar minuciosamente o professor da sala regular, pois o recesso chegou inesperadamente, em seguida foram decretadas as férias antecipadas. Com isso, os alunos ficaram em casa, sendo impossível dar continuidade às atividades itinerantes e, manter as aulas regulares em salas de recursos e nas classes comuns.

Esse afastamento fez com que surgisse um vácuo no ensino de habilidade e conteúdos que o professor precisa desenvolver com os alunos, quando ele seguia um currículo que, já estava implantado na escola para todos os alunos, inclusive para aquelas crianças que apresentam necessidades especiais ou que encontram dificuldade no aprendizado e na formulação de conceitos.

Uma criança ainda pequena aprende conceitos, formula ideias por meio das atividades que realiza em contato com seu meio ambiente. Segundo Bassedas (1999) essas atividades permitem a criação de símbolos que explicam seu contexto social. Essa organização ocorre através da mediação do adulto, com sua mediação, intencional ou não, formalizando a observação pela sua noção de mundo. Conforme Bassedas (1999), a criança desenvolve habilidades e capacidades em uma sequência previsível, através das suas atividades, ouvindo, mexendo-se, buscando alcançar as coisas que a rodeiam, sentindo as pessoas e as coisas e, manipulando o que lhe está próximo.

No entanto, acontece de algumas crianças demonstrarem atraso ou limitação em seu desenvolvimento, não apresentando interesse pelo ambiente em que se encontram. Outras demonstram possuir um repertório limitado. Nesses casos, o professor, ou o adulto que interage com ela, precisa estender um olhar

mais atento sobre essa criança. Bassedas (1999) explica que a avaliação a ser feita sobre uma criança pequena é um procedimento complexo. Para que essa avaliação seja feita com critério, é essencial ao professor compreender as dificuldades apresentadas por ela para perceber se não está vivenciando perdas em seu meio social.

De acordo com Minetto (2008) “a nossa principal característica comum é a diversidade, nossa principal semelhança é a diferença”. E a autora enfatiza que essa diversidade e pluralidade incluem o professor, a família, o aluno, a comunidade, o ambiente onde a criança se encontra, com todo seu contexto. Para compreender essa diversidade é essencial refletir sobre concepções, valores, identidades, capacidades, histórias, habilidades pessoais, pois elas determinam diferentes desempenhos. A importância de o professor conhecer a diversidade que envolve a vida de cada um de seus alunos ilumina a importância de conhecer os diversos tipos de currículo, no momento de elaborar seu planejamento e seu projeto de trabalho. A variação das metodologias utilizadas ressalta o currículo que emprega com os alunos.

Embora o currículo seja o mesmo, o que muda é a metodologia, a forma de tratamento que será empregada para que a criança aprenda e para isso, é essencial que os professores realizem a flexibilização curricular, pois existem múltiplos currículos que podem se fundir em benefício do aluno.

1.1 Diferentes correntes pedagógicas na educação

Ao longo dos anos surgiram diferentes currículos para a escola. A tendência de a escola manter um Currículo tradicional vigorou até o final do século XIX. Com esse currículo, sua preocupação era a preparação intelectual e moral dos alunos, para que pudessem assumir seu papel na sociedade. Os conhecimentos trabalhados e exigidos eram aqueles que foram acumulados através dos tempos. O professor exercia uma autoridade plena sobre seus alunos e a aprendizagem era receptiva e mecânica. A Escola Nova surgiu no início do século XX e pregava que a escola deveria se adequar às necessidades dos indivíduos, no seu meio social. Os conteúdos surgiam a partir das experiências vividas pelos alunos frente a uma situação problema. Ao professor cabia o papel de auxiliador do desenvolvimento do

aluno (que era visto como ativo e curioso). A aprendizagem era então baseada na estimulação e na motivação esperando-se que o aluno resolvesse os problemas que surgissem. Nas décadas de 60 e 70 a aprendizagem se baseava na corrente tecnicista. Essa corrente buscava preparar o aluno para exercer a mão de obra nas indústrias, e para isso a escola trabalhava com técnicas específicas para modelar o comportamento da criança. Os conteúdos surgiam em uma sequência lógica e ordenada dentro de uma racionalidade técnica e, o professor transmitia as informações e ao aluno competia fixar, decorar e mostrar seu desempenho. Ainda em 1960, Paulo Freire leva à sociedade educacional a teoria Libertadora, que apregoava que o aluno deveria atingir um nível de consciência da realidade para buscar realizar a transformação Social. Os conteúdos surgiam de palavras, temas geradores e o professor teria com o aluno uma relação horizontal de igual para igual. À corrente Libertadora se seguiu uma corrente denominada Libertária que indicava a transformação da personalidade num sentido libertário e auto-gestionário, quando as matérias são colocadas para o aluno, porém nada é exigido, em consequência, o professor exerce apenas uma função diretiva, orientando os alunos, mas nada exigindo, pois eles são livres, para aprender ou não. No final do século XX surge a corrente pedagógica Histórico-crítica. Ela informa que competia à escola selecionar os conteúdos, socialmente relevantes para serem ensinados. Os conteúdos surgem por meio da cultura universal, que é incorporada pela humanidade. Esses conteúdos, porém, são analisados frente à realidade social, agora com um caráter dialético e temporal. O professor passa a ser o mediador do conhecimento e o aluno é um participante ativo na tarefa de aprender, pois a aprendizagem depende das estruturas cognitivas já desenvolvidas nos alunos. No início do século XXI surgiu a Pedagogia das Competências que prepara o aluno para o mundo do trabalho, com toda a sua diversidade e todas as suas complexidades. Os conteúdos que são trabalhados são os básicos para o desenvolvimento das competências. As competências devem ser tratadas de modo interdisciplinar e contextualizadas. Nessa concepção, o professor é o mediador e o aluno constrói suas competências e habilidades. (COLL, 1999)

Atualmente, entende-se a importância de buscar em diferentes concepções de currículo aquela mais adequada para o professor de educação especial descobrir a concepção mais adequada para trabalhar com seu aluno. Ele pode utilizar o currículo tradicional, o construtivista, o escolanovista, a pedagogia

das competências, ou uma mescla de todos os currículos. Segundo Antunes (2000) professor tem a liberdade de encontrar aquele currículo que mais atende às suas necessidades e às necessidades de seu aluno. O importante é o professor traçar seus objetivos, estabelecer o plano de trabalho individual do aluno e, fazer a flexibilização adequada para atender bem, tanto na classe comum como nas salas de recurso. Além disso, todos os envolvidos com a criança com necessidades especiais precisam ter um conhecimento prévio do plano de trabalho e das expectativas de aprendizagem que auxiliam o docente a exercer um trabalho afinado com os objetivos traçados.

1.2 Cuidados no atendimento escolar superando uma ação integradora

Em 2008, ao surgir o Documento da Educação Especial, houve um avanço na forma de se atuar junto ao aluno com necessidades especiais, superando a visão integradora que vigorava nas escolas e na educação. Esse documento indicou que, a política da inclusão significava ir além da simples socialização, de trabalhar apenas as noções de AVD (atividade de vida diária) ou ainda do professor se limitar a ensinar à criança a se comportar na escola, em casa e, na sociedade, mas de trabalhar uma real política de inclusão.

A política da inclusão que surgiu na perspectiva da Lei de Direitos Humanos, indica o direito de todas as crianças conviverem em sala de aula, com as demais, recebendo atenção como os seus colegas de classe, com um professor cuja função é desenvolver, estimular seu intelecto para que adquira conhecimento, construindo em uma mediação bem feita o progresso na criança em sua escolaridade, do ensino infantil até o ensino médio.

No Ensino Fundamental há um compromisso com a educação integral, valorizando a ideia de formação do ser humano, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, moral, ética e estética. Para cada série do Ensino Fundamental há uma preocupação com o foco de competências essenciais à série, que estão divididas nas áreas de conhecimento e canalizam para os procedimentos e atitudes todo o conteúdo, desde os anos iniciais até os anos finais do Ensino Fundamental. Assim, são esperadas competências específicas para cada área de conhecimento e

competências específicas para cada componente curricular, reunidos em Unidades Temáticas.

Na elaboração do currículo há uma preocupação com o aluno concreto, com a realidade onde a escola se insere, com o tipo de aluno que se quer formar e, para que sociedade ele está sendo formado, sabendo que o conhecimento a ser transmitido para a criança deve ter ressonância na vida real, o que equivale, a saber, fazer na vida prática as habilidades e competências que adquiriu na escola. Assim, enquanto está desenvolvendo suas competências e habilidades o aluno precisa aprender a transferir esse conhecimento, para as ocorrências do seu dia a dia.

Na educação especial o conhecimento precisa ser trabalhado em um currículo que ofereça condições das crianças receberem uma formação democrática com os rumos desejados para educação transformadora que lhes dê melhor qualidade de vida. De acordo com Antunes (2000, p. 102), a pessoa conquista a possibilidade de uma melhor qualidade de vida quando têm estimuladas, além das funções intelectuais, sua acuidade visual e sua sensibilidade auditiva. Por isso, tanto o professor de ensino regular, como o professor da sala de recursos têm a responsabilidade de propiciar aos seus alunos os elementos que lhes faltam para que utilize plenamente suas faculdades e acompanhe o currículo flexibilizado.

Segundo Coll (1999) o currículo hoje é entendido como uma cultura real fornecida por um conjunto de processos, que definem as decisões acerca do que é importante e o que se irá fazer, pelo aluno, no plano educacional. Ele envolve as tarefas acadêmicas que serão desenvolvidas, a maneira como será arrumado cada espaço dentro da sala de aula, os conteúdos necessários para que se estabeleça um vínculo real com o que ocorre extramuros, grupal, como serão utilizados os materiais e como ocorrerá a avaliação, a que ela servirá e o que se quer saber.

Nesse contexto, a flexibilização curricular é feita pelo professor em sua área de atuação, com a colaboração do professor da sala de recursos sendo voltada para dar uma atenção melhor e mais eficiente ao aluno com necessidades especiais, tanto em sala de aula, como no ensino remoto. Nessa colaboração, o docente da sala de recursos complementa o que professor da sala regular trabalha com a criança, indicando as metas a alcançar. Juntos discutem a importância de estabelecer metas para alcançar determinados objetivos, a necessidade de mudar estratégias, de agir sempre concretamente, assentado nas competências que a BNCC estipula.

Ainda em relação à flexibilização do currículo para o aluno com necessidades especiais, que se encontra no Ensino Fundamental é essencial articular etapas, níveis e componentes para determinar o apoio à aprendizagem da criança. Dessa forma é possível, conseguir uma progressão das habilidades, suprimindo as necessidades do aluno, para muito além do processo de alfabetização, pensando em um real letramento.

Hoje, o currículo sob a ótica da BNCC, indica as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas e serem ampliadas, pela oportunidade dos professores agirem em estreita colaboração, favorecendo o aluno de educação especial tanto na sala de aula como na sua frequência na sala de recursos. Com uma visão mais clara sobre as reais dificuldades da criança e sobre as suas competências básicas, o professor da sala de recursos indica ao professor da classe regular qual a didática é mais adequada ao caso que o aluno possui.

Segundo Mantoan (2007) hoje, o paradigma educacional mais avançado é aquele que reivindica o reconhecimento e valorização das diferenças, nas organizações escolares e demais ambientes de vida social, para que todos os alunos e as pessoas em geral possam deles participar, incondicionalmente, sendo atendidos em suas necessidades, sejam elas temporárias ou permanentes. A segregação, as práticas, de identificação e de rotulação e consideradas discriminatórias, desrespeitando os direitos de participação de todos na vida comunitária.

As habilidades que são pensadas para o aluno estão ligadas aos conceitos, procedimentos, atitudes e valores (vistas como aprendizagens essenciais a todos os alunos), pois os valores geram competências. As habilidades indicam processos cognitivos, mostrando a competência do saber e do saber fazer. Essas competências precisam evoluir e devem, eficazmente, dotar a criança das condições de resolver os problemas da vida diária e, transitar na vida social, com sucesso. O professor ao refletir sobre o currículo precisa observar quais habilidades estão sendo desenvolvidas e quais precisam ser consideradas, preservadas e buscadas com empenho, para desenvolver a criança agora no ensino remoto.

1.3 Trabalhando o ensino remoto em tempo de afastamento social

Diversas situações tornam o mundo excludente e colocam as pessoas fora de seus direitos de cidadania. Hoje se vive uma situação de afastamento social que contribui para deixar as pessoas sem condição de frequência regular na escola. Pais e professores precisam intensificar o processo de colaboração, uns com os outros, para que todos os alunos não sejam prejudicados em seus direitos.

Embora, alguns professores possam sentir-se despreparados para trabalhar com os alunos à distância, este é um momento em que é essencial utilizar o aplicativo do Centro de Mídias de São Paulo, a TV Cultura, os canais da TV Educação e também a TV Univesp para colocar bons exercícios ao alcance dos alunos, pois estão abertos aos docentes contribuindo para a realização de um bom trabalho nesse tempo de isolamento social. Os alunos têm à sua disposição a internet, o celular, a televisão, o computador, as mídias sociais, os materiais impressos e podem reservar um horário para realizar as atividades propostas por seu professor com a supervisão dos pais e responsáveis.

Entretanto, antes de iniciar seu trabalho é essencial que o docente saiba quais os recursos que o aluno tem à sua disposição, pois eles serão os veículos que serão utilizados para acessar as aulas e as orientações recebidas. Também é essencial que o professor se recorde que as estratégias devem ser práticas, indicar aos pais que o é horário flexível, e que eles (pais) serão os mediadores reais na realização das atividades propostas para o dia.

O professor, e o adulto que estão interagindo com o aluno com necessidades especiais, precisam estender um olhar mais atento sobre ele, nesse momento em que a convidam a realizar atividades e ainda avaliar o resultado dos exercícios. Bassedas (1999) explica que a avaliação a ser feita sobre um aluno é um procedimento complexo.

Para que essa avaliação seja feita com critério, é essencial que o professor compreenda quais são as dificuldades apresentadas pelo aluno e, principalmente verifique se esses déficits não são resultados de perdas em seu meio social. De acordo com Minetto (2008) “a nossa principal característica comum é a diversidade, nossa principal semelhança é a diferença”. E a autora enfatiza que, essa diversidade e pluralidade, incluem o professor, a família, o aluno, a comunidade, o ambiente onde a criança se encontra, com todo seu contexto. Para compreender essa diversidade é essencial refletir sobre concepções, valores,

identidades, capacidades, histórias, habilidades pessoais, pois elas determinam diferentes desempenhos.

Para que isso aconteça, é essencial que os professores tenham um real e efetivo envolvimento com cada aluno, oferecendo a ele um programa de atividades que ofereçam práticas lúdicas, atividades recreativas, brincadeiras, jogos, leitura e contação de histórias, dramatização, desenhos, pinturas, teatro de fantoches. Essas atividades, além de preencher de forma agradável esse tempo de confinamento ampliam e, motivam o aluno a ter gosto pela leitura. É evidente que toda atividade oferecida deve levar em consideração a capacidade e a disponibilidade do aluno em atenção e concentração, o possuir em casa o material utilizado na atividade.

Nessa circunstância compete aos professores (da sala de recursos e da sala regular) orientar convenientemente aos pais, orientar famílias, adaptando os trabalhos à tecnologias disponíveis, colocando no rodapé das páginas, quais são as habilidades que estão sendo desenvolvidas, através das atividades apresentadas e solicitar que, ao final avaliem como o aluno procedeu para realizar a série de exercícios propostas. Em uma atividade matemática é importante ressaltar que os pais devem estar acompanhando como foi elaborado o raciocínio, que caminhos ele seguiu para chegar a determinados resultados.

Torna-se é essencial frisar aos pais que é o aluno quem deve dar as respostas solicitadas e que pais e irmãos não devem responder por ele, pois essas atividades foram organizadas e elaboradas com atenção para esse determinado aluno. Atuar com aos alunos e aos pais à distância, em momentos que solicitam calma, sensibilidade e empatia é um considerável desafio ao professor. Entretanto, torna-se, também uma tarefa gratificante e um aprendizado que será importante nesse momento de isolamento social em que as pessoas sentem-se fragilizadas e desgastadas pelo medo, pelo próprio confinamento e por sua segurança.

1.4 ELABORANDO O PLANO DE TRABALHO

O professor ao elaborar seu Plano de Trabalho precisa verificar qual é o diagnóstico que a criança possui, ter sua ficha em mão para estabelecer o melhor

método e a melhor estratégia para a criança, pois dependendo da especificidade de seu caso o plano individual será modificado.

Honora e Frizanco (2008) explicam que a pessoa que apresenta deficiência intelectual tem importantes limitações em seu comportamento, que comprometem seu desempenho na vida. Elas ocorrem no comportamento adaptativo, nas habilidades conceituais, práticas, sociais. Na escola essas dificuldades transparecem na construção de conceitos e no conhecimento em geral, quando, o aluno demonstra dificuldade, principalmente quanto à percepção, generalização aprendizagem de leitura e escrita, memória, abstração.

De acordo com Lebouch (1987) é a psicomotricidade que está na base de todas as atividades que a criança apresenta. Ela contribui para haja o conhecimento e o domínio do seu próprio corpo. Esse autor explica que o desenvolvimento infantil evolui do geral para o específico, e que muitas dificuldades de aprendizagem surgem em decorrência de atrasos ou problemas apresentados nas bases do desenvolvimento psicomotor da criança. O professor precisa estar atento ao fato que a metodologia a ser empregada é de total responsabilidade do professor. Portanto, ao elaborar seu Plano de Trabalho há necessidade de o professor atentar para as características que surgem na criança deficiente intelectual, principalmente nas áreas, motora, cognitiva, de comunicação e socioeducacional enfatizando-se que, essas crianças podem apresentar semelhanças entre si.

Assim, também Honora e Frizanco (2008) apontam que a criança com deficiência intelectual apresenta:

1. Na área motora alterações na psicomotricidade fina. Nos casos severos as incapacidades motoras são mais acentuadas e ela apresenta dificuldade de coordenação e manipulação de objetos. Para auxiliar no desenvolvimento da psicomotricidade fina, propor ações como ajudar a mamãe a separar, limpar na mesa grãos de feijão que serão cozidos. Olhar com atenção para tirar os grãos que apresentam defeitos, comidos de caruncho, que estão podres. Separar os bons daqueles que apresentam defeitos. O mesmo exercício pode ser feito com o arroz que irá ser cozido. Além de ser um exercício simples promove a união dos participantes. Feijão e milho são excelentes materiais para contagem de rotina, para ensinar os fatos fundamentais da matemática, como adição e subtração, mais e menos, maior e menor.

2. Na área cognitiva tem dificuldades na aprendizagem de conceitos abstratos; mostra dificuldade em focar a atenção, tem dificuldade em memorização, demonstra dificuldade na resolução de problemas e na generalização de conceitos. Esse é um momento em que o professor promove jogos de memória, brincadeiras de Detetive, jogos de atenção.

3. Na área de comunicação a pessoa DI tem dificuldades em comunicação e em estabelecer relações novas, e o professor pode nesse momento trabalhar em seu Plano de Atividade as formas de comunicação, propondo brincadeiras com o telefone sem fio, jogos com diferentes linguagens, mímicas, parlendas e música que precisam ser repetidas, cantadas, gravadas no celular, filmadas. Enfim, é essencial que seja colocada a criatividade em foco para que todas as atividades despertem o interesse do aluno e o motivem a aprender. Estabelecer questões sobre a música, e a parlenda, dialogar com a criança para conhecer seu grau de entendimento.

Ao fazer a mediação os pais precisam ser orientados em relação ao fato que, também a criança com necessidades especiais só se mostra por inteiro através das brincadeiras. Por isso, Macedo (1997) enfatiza que brincar é motivador. Brincando surge uma relação de confiança, entre o adulto e a criança, e a motivação aumenta, permitindo a elaboração e, recriação da experiência vivida, ampliando a coordenação motora e movimentos ritmados. Fazendo com que a criança melhore o conhecimento como um todo. Macedo (1997) enfatiza que a criança que se encontra em uma escola comprometida com o seu desenvolvimento e que respeita as suas necessidades de correr, brincar, jogar, de expandir-se, é uma criança alegre e feliz e se desenvolve sem traumas.

Do ponto de vista pedagógico, os jogos infantis (inclusive no folclore infantil) são considerados completos. Enquanto brinca de roda a criança exercita naturalmente o seu corpo, desenvolve o raciocínio e a memória, estimula o gosto pelo canto, desenvolvendo ações imprescindíveis à educação global. Elas auxiliam no comportamento das crianças favorecendo três mecanismos lúdicos: o faz de conta, o brinquedo e o ato de brincar. O faz de conta é o momento mágico em que em que é dada ênfase à imaginação, onde professor e aluno vivenciam ideias por intermédio da literatura infantil com movimentos que, auxiliam na compreensão do mundo e, ajudam a lidar com problemas complexos que ela tem dificuldade de compreender. KISHIMOTO (2002)

De acordo com Kishimoto (2002, p.21), brincar é estimular uma criança para que resolva desafios. Assim, em qualquer fase de seu desenvolvimento é essencial estimular é também orientá-la, sem fazer para ela o jogo ou a dramatização pedida. É preciso desafiá-la, é também aguçar sua curiosidade a tal ponto que esta criança participe ativamente das atividades lúdicas propostas.

Para Müller, (2006) o educador precisa fazer uma leitura sensível, interpretar as ações e evidenciar seu entendimento das vozes de seus alunos, nas mudanças que introduz em seu Plano individual. Conhecendo as características do seu aluno, sabendo que é relevante para ele nesse momento é essencial que o professor convença os pais que,

[] O ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e afetivo no curso do desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor a ato transformador em ludicidade, denotando-se, portanto em jogo. (CARVALHO 1992, p.28)

Dessa forma, é possível transformar em casa os locais de tarefa diária em um momento em que a brincadeira e o jogo estarão fazendo parte do ambiente natural da criança. Lembrando que, as referências abstratas e remotas, não despertam o interesse do aluno, e estando em seu ambiente natural, ela poderá desenvolver o que foi pedido em casa, com um desenvolvimento seguro.

4. Na área socioeducacional a criança DI apresenta discrepância visível entre a idade mental e a idade cronológica, tem dificuldade na apreensão de valores. Esse é um momento em que os professores fazem uso das notas de brinquedo e compra, venda e pagamento de caixas de maisena, latas de óleo, latas de leite em pó, enfim, fazem com as crianças e seus pais uma pequena compra de supermercado, com itens rotineiros que é possível providenciar em casa.

As autoras Honora e Frizanco (2008) enfatizam que, embora essas dificuldades sejam facilmente perceptíveis o professor deve estabelecer com sua classe muitas atividades que promovam a interação social da criança com deficiência intelectual com outras da mesma idade cronológica. Essa interação contribui para que haja aprendizagem de comportamentos, atitudes e valores próprios da idade em que a criança se encontra.

O período de concentração de um aluno DI é muito pequeno e a criança se dispersa com qualquer ruído ou movimento. Nesse sentido os pais precisam providenciar um ambiente calmo, tranquilo, onde a criança esteja concentrada em

sua atividade. Evitar ligar a televisão nos momentos de aula, providenciar o material solicitado para a realização dos trabalhos propostos. Permanecer por perto, mas só intervir quando for necessário, mantendo um tom de voz controlado e tranquilo.

Procurar traduzir para a criança o que é pedido no exercício, quando for necessário, limitando-se a uma observação mais tranquila nos procedimentos e relatar ao docente como foram feitas as tarefas, quais as dificuldades que a criança apresentou em que momentos ocorreram a intervenção, como foi essa intervenção e explicar se houve necessidade de mudar a maneira de fazer o questionamento, se foi preciso ler para a criança e como foi a aula toda.

No caso do aluno autista Bosa (2006), explica que o planejamento do atendimento à criança com autismo deve ser estruturado de acordo com seu desenvolvimento. Nas crianças pequenas, a atenção deve se centrar no desenvolvimento da fala, na interação social e na linguagem. As crianças maiores devem ser atendidas em áreas, dando prioridade à socialização e a higiene, que são essenciais para uma inclusão integral da criança com autismo. Nesse sentido, os mesmos exercícios elaborados para os alunos DI podem ser indicados para o aluno autista.

Feuerstein e Feuerstein (1991) apontam que para o professor promover o desenvolvimento cognitivo e, conseguir a mudança nas estruturas cognitivas do aluno, a interação deve seguir alguns princípios básicos. Só será considerada como uma situação de (EAM) Experiência de Aprendizagem Mediada se houver pelos menos três componentes de mediação principais: intencionalidade, significação, transcendência.

A intencionalidade surge quando o professor mediador conhece a intenção que o conduz em oferecer uma determinada tarefa, e chama a atenção da criança para o objeto e ela responde a este estímulo. A significação existe quando a tarefa é significativa para o autista. Nesse caso, o mediador enfatiza a importância de um estímulo, por meio da expressão de afeto e pela indicação do valor e significado do mesmo. A transcendência permite a generalização da aprendizagem de regras, estratégias e princípios. É essencial na atitude do mediador para conduzir a criança além do contexto concreto, com objetivo de permitir a transferência da aprendizagem de princípios gerais e objetivos para situações e contextos específicos. FEUERSTEIN E FEUERSTEIN (1991).

Os critérios de mediação são indispensáveis ao professor mediador. É comprovado que a criança com autismo não se beneficia de uma aprendizagem quando ela é exposta de forma direta a estímulos diversos, que não contribuem para sua formação psicossocial e nem ajudam no desenvolvimento de novas estruturas cognitivas.

Feuerstein e Feuerstein (1991) afirmam que, se a criança com autismo é exposta a estímulos, sem o cuidado devido e sem a intervenção do professor, ela rapidamente se torna estressada, por causa da avalanche de informações que parecem para o autista sem razão aparente. A criança com TEA pode registrar os estímulos e interagir com os mesmos, porém esses estímulos sem fundamento (para a criança) não levam a modificações em seu processo cognitivo. Além de ocasionar uma aprendizagem insuficiente interfere no desenvolvimento cognitivo, faz com que ela perca o estímulo de realizar os exercícios fixados pelo professor. Além disso, o autista fica irritado fazendo com que, outros comportamentos negativos podem aflorar.

Um resultado negativo nesse caso é a criança se recusar a receber as lições e não querer mais fazê-las. Nesse momento é preciso dar uma parada, levar o autista para longe do local onde estudo, promover uma ação de volta à calma, sem ruídos ou movimentos. Kupfer (2004) lembra que o professor precisa buscar sempre atividades significativas para o autista. Nesse momento de pandemia, explica-se que serão pais e responsáveis, (juntamente com o professor) que devem realizar atividades que concorram para que haja mudanças de entendimento sobre a criança com autismo. Nas aulas remotas as sequências didáticas devem ser planejadas visando a compreensão dos diferentes aspectos relacionados ao TEA (Transtorno do Espectro Autista). Esse autor explica que, o Transtorno do Espectro Autista tem diferentes características diferentes de outras síndromes e, acarreta consequências para o desenvolvimento infantil quando não é diagnosticado.

Portanto, ao estabelecer as orientações para o aluno com DI ou com autismo é preciso levar em consideração qual é os momentos didáticos se assentem na compreensão dos diferentes aspectos relacionados ao TEA, em suas características e nas consequências que esse problema traz para desenvolvimento infantil, pois o autismo têm características diferentes de outras síndromes. Nesse momento de isolamento indicar aos pais como atuar na situação mostrada pelo seu filho.

Para Müller (2006, p. 553) “as interferências dos adultos, por vezes não tão diretas e intencionais, acabam sendo absorvidas pelas crianças”, portanto é necessário o reconhecimento dessas crianças como atores sociais e sujeitos de direito para que se produza o conhecimento. Além disso, a autora enfatiza que os adultos precisam perceber que as crianças precisam ser produtoras de conhecimento, precisam ser respeitadas em seu tempo de resolução de uma determinada tarefa, mostrando o cuidado para com o desenvolvimento do filho.

A interação professor- aluno-pai é vista, portanto, como um processo de mão-dupla onde, o mediador (pai) precisa envolver o aluno em todas as atividades recebidas. O professor ao problematizar todas as questões, precisa estabelecer como objetivo imediato ajudar o aluno com TEA a enfrentar as tarefas e os problemas diários em sua casa. A relação entre o professor, pai e aluno ao ser trabalhado, com atenção e cuidado, irá enriquecer os comportamentos que o autista possui. Por isso, entende-se que a experiência atual, onde se vive um momento de confinamento, de isolamento, causado pela epidemia COVID19, precisa ser vista com atenção. Pais, professores e alunos trabalhando em parceria podem levar a uma maior autonomia ao aluno autista em atividades futuras.

O Documento da Secretaria da Educação orienta os professores a utilizar um vídeo chamado *Messenger* para utilizar a plataforma e atuar junto aos seus alunos. O documento explica que esse vídeo deve sempre ser usado de forma lúdica, em conjunto ou de forma individual, respeitando-se a aprendizagem do aluno, seguindo seu Plano de Trabalho, pois esse é seu documento orientador. As estratégias práticas devem alterar os planos feitos antes da pandemia. Todos os dias os alunos devem ser orientados e as família também sobre os roteiros propostos e isso ajudará para que a mediação dos pais seja feita com sucesso.

CONCLUSÃO

Nesse artigo que discorreu sobre as atividades para o ensino remoto de educação especial foram traçados como geral indicar a importância do ensino remoto na rede escolar para os alunos com necessidades especiais. Os objetivos específicos foram os seguintes: a importância da flexibilização curricular, levando o aluno com necessidades especiais a construir o conhecimento. Mostrar que o currículo precisa ser flexível, entrelaçando diferentes tendências para atender às necessidades específicas das crianças com dificuldade de apreensão da realidade. Indicar a maneira mais indicada de trabalhar o ensino remoto.

Nele se explicou que o currículo foi se transformando ao longo do tempo e sofrendo transformações para atender a sociedade em suas necessidades que se diferenciavam de acordo com as mudanças sociais, entretanto, todas as correntes são válidas e depende do professor e do entendimento que ele tem da sua classe e de seus alunos escolher o melhor currículo para utilizar.

Entretanto, também se considera que para atuar de forma competente com a criança com necessidades especiais é preciso realizar uma flexibilização curricular, encontrando o mais adequado para esse aluno. Muitas vezes é preciso fundir diferentes modelos, para que a metodologia escolhida se adeque aos casos que ele atende. Nesse sentido, é preciso que o professor contemple todas as expectativas de aprendizagem para chegar a um resultado que seja satisfatório ao aluno. Nesse momento em que se vive o isolamento social, a quarentena, causada pela pandemia é essencial rever seus conceitos, voltar atrás sempre que necessário, alterar seu plano de atendimento pessoal e olhar com afeto para a criança e para a família.

Compete ao professor orientar pais e responsáveis pela criança, falar sobre atividades, disciplinas e avaliação, mas de forma que esses agentes entendam e atendam as suas orientações. É essencial adaptar tecnologias, para mandar em diferentes plataformas o conteúdo a ser aprendido pela criança.

É preciso sensibilidade, para orientar os pais a esperar a resposta da criança, e descobrir o caminho traçado por ela para chegar a um objetivo e a uma resposta coerente com que é estudado. Sua metodologia precisa ser modificada para que seja entendida por pessoas que já está há tempos longe dos bancos

escolares. Por isso, buscar estratégias práticas, com objetos, materiais fáceis de serem encontrados em casa é importante e desejável.

Perceber em seu plano de trabalho que a BNCC trouxe mudanças que estão sendo propostas para a educação brasileira e com isso, sentir a importância de indicar esses direitos e objetivos aos pais e responsáveis, que vive esse tempo da pandemia. Sentir que aprender a aprender é a mais importante função do aluno, e que o papel mediador que era do professor agora está nas mãos dos pais.

Indicar aos pais a preocupação de formar conceitos, conhecimentos, habilidades, atitudes, para formar a criança para vida em sociedade, respeito, na ética, na preservação de bens intangíveis na tolerância e aceitação às diferenças neste novo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **A construção do afeto**. Como estimular as múltiplas inteligências de seus filhos. São Paulo: AUGUSTUS, 2000.

BRASIL. **Documento para Educação Especial**. Política de Fomento à Implementação de Escolas Inclusivas. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de fevereiro de 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 02/06/2020.

BASSEDAS, E. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Trad. Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **BBNCC/SEF**. Brasília: MEC/SEF, 2013.

CARVALHO, R. C. **A Nova LDB e a Educação** Rio de Janeiro: Summus 2002

COLL, C. et al., **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FEUERSTEIN., R.; FEUERSTEIN, S. **Mediated Learning Experience: A Theoretical Review**. In: FEUERSTEIN, R.; KLEIN, P.S.; TANNENBAUM, A.J. (Eds). *Mediated Learning Experience (MLE): Theoretical, psychological and learning implications*. London: International Center for Enhancement of Learning Potential (ICELP), 1991. p. 3-51.

HONORA, M. FRIZANCO, M.L.E. **Esclarecendo as deficiências: aspectos teóricos e práticos para a contribuição com uma sociedade inclusiva**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2002.

KUPFER, M. **Pré-escola terapêutica Lugar de Vida: um dispositivo para o tratamento de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento**. In: MACHADO, A.; SOUZA, M. (Org.). *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LEBOUCH, Jean. **Educação Psicomotora: Psicocinética na Idade Escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MACEDO, Lino de. **Fundamentos para uma educação inclusiva**. Disponível em: <http://educacaoonline.pro.br/art.fundamentosparaeducacaoinclusiva.asp> acesso em 05 de maio de 2020.

MANTOAN, Maria Tereza E. **Andar no fio da navalha**. Revista de Educação Santa Maria, v. 32, n. 2, p. 319-326, 2007 Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista> Acesso em 29 de maio de 2020.

MÜLLER, F. **Infâncias nas vozes das crianças**. Rev. Educ e Sociedade. Volume 27, nº 95. Maio/agosto, 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 06 de novembro de 2019.

OLIVEIRA, Marta Kohl de, Vygotsky **Aprendizado e desenvolvimento um processo Sócio histórico**, São Paulo: Ed. Scipione, 1991.